

## BOI BARROSO

Apparício Silva Rillo

Meu boi barroso, lendário,  
haragano e teatino,  
te criaste sem destino  
vagando pelo rincão;  
usando mil artimanhas  
cruzaste nossas campanhas  
sem ninguém botar-te a mão!

Jamais a armada de um laço  
conseguiu cingir-te as guampas,  
nem existiu nestes pampas  
onde ecoava o teu berro,  
gaúcho de tanta manha  
que te queimasse a picanha  
com a marca rubra de um ferro.

Tu zombaste, enquanto vivo,  
de quando quebra gabola  
que te saísse na cola  
pra te quebrar o entono.  
Segundo eu sei de memória  
jamais ninguém teve a glória  
de intitular-se teu dono!

Certo dia um tal Blau Nunes  
- Índio velho mui vaqueano -  
te seguiu por mais de ano  
cruzando campo e perau.  
Blau Nunes, nessa cruzada,  
com a salamanca encantada  
topou-se, lá no Jarau.

Pois o Blau, que era o mais taura  
gaúcho destas campanhas,  
enredou-se em tuas manhas,  
no teu rastro se perdeu.  
Não pôde trazer-te o couro,

só trouxe um dobrão de ouro  
que a Mãe do Cerro lhe deu.

Meu boi barroso haragano!  
És o símbolo da raça  
que curtida na fumaça  
de muitas revoluções,  
jamais em sua existência  
permitiu que a prepotência  
vicejasse em seus rincões.

Na altanaria do guasca  
adivinho a tua imagem,  
teu desentono selvagem  
nesta povo sem maneias  
que há centenares de anos  
reveza o frio dos minuanos  
pelo calos das peleias!

Teu gênio altivo retrata  
o índio venta-rasgada,  
que não tem guampa furada  
nem se achica pra ninguém;  
que briga, sem ser maleva,  
pra honrar o nome que leva  
e os fios de barba que tem!

Sempre que a lua embriga  
teu fantasma a gente avista,  
passando o pago em revista,  
fiscalizando o rincão;  
porque tu és, na verdade,  
o gênio da liberdade  
resguardando a tradição!